

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA NOVA PRÁTICA, UMA NOVA FORMAÇÃO INICIAL

MANUEL GUERREIRO*

A proposta de alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo por parte do Ministério da Educação desencadeou uma acesa polémica sobre a Formação de Professores. Esta polémica desencadeada pelas diferentes forças políticas e pelas instituições educativas têm-se centrado na discussão sobre as instituições onde deve ser realizada a formação de professores e nunca ou muito raramente acerca dos princípios orientadores da formação.

Para diferentes autores, a formação é, cada vez mais, entendida como um processo de desenvolvimento individual tendente a adquirir e aperfeiçoar capacidades. No entanto a formação de professores diferencia-se de outras actividades de formação, trata-se de uma formação múltipla (formação académica, pedagógica, pessoal e social) e de uma formação de professores e as suas práticas profissionais. Conceção esta que é referida no 30º Artigo da Lei de Bases do Sistema Educativo alínea e): "Formação assente em práticas metodológicas afins das que o educador e o professor vierem a utilizar na prática pedagógica"

Será que para responder ao problema da existência de uma formação que garanta a qualidade do ensino e promova a aprendizagem dos alunos, se torna necessário arquitectar todo um outro sistema de formação?

*ESE de Faro

"O conhecimento humano é sempre uma construção que cada um individualmente ou em grupo faz acerca de como funciona o mundo" (Cabral 1993). É com este espírito e na esperança de partilhar convosco algumas das minhas preocupações a propósito da formação inicial de professores do Ensino Básico e Secundário, na viragem deste século, que abordei a temática da formação inicial de professores com vista à mudança das práticas educativas.

A proposta de alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo por parte do Ministério da Educação desencadeou uma acesa polémica sobre a Formação de Professores. Esta polémica desencadeada pelas diferentes forças políticas e pelas instituições educativas tem-se centrado na discussão sobre as instituições onde deve ser realizada a formação inicial de professores e nunca ou muito raramente acerca dos princípios orientadores dessa formação.

A Lei de Bases do Sistema Educativo, ao enquadrar a formação inicial e contínua, no seu 30º Artigo alíneas a) e b) defende uma "Formação inicial de nível superior, **proporcionando aos educadores e professores de todos os níveis de educação e ensino a informação, os métodos e as técnicas científicas e pedagógicas de base, bem como a formação pessoal e social adequadas ao exercício da função**" e uma "Formação contínua que **complemente e actualize a formação inicial numa perspectiva de educação permanente.**"

Estes aspectos da Lei de Bases do Sistema Educativo, publicada em 14 de Outubro de 1986, têm sido timidamente implementados, nomeadamente no que se refere a formação pessoal e social dos futuros professores e à formação contínua encarada como educação permanente. Se, de início, a formação contínua ainda foi entendida como uma oportunidade para o Desenvolvimento Pessoal do Professor, rapidamente se transformou numa tarefa burocrática a cumprir, obrigatoriamente, para a progressão na carreira.

Hoje, a formação é, cada vez mais entendida como um processo de desenvolvimento individual tendente a adquirir e aperfeiçoar capacidades. No entanto a formação de professores diferencia-se de outras actividades de formação, trata-se de uma formação múltipla (formação académica, pedagógica, pessoal e social) de carácter multifacetado (que inclui conhecimentos, capacidades, atitudes e valores) e de uma formação de formadores, o que influi no necessário isomorfismo que deve existir entre a formação de professores e as suas práticas profissionais. Nesta multiplicidade de saberes necessários ao exercício da profissão merece especial atenção o conhecimento de como tratar pedagogicamente os conteúdos científico disciplinar.

Se a formação científica é indispensável a um bom professor, ela não é, contudo, suficiente para um bom educador. Aliás, a necessidade de práticas isomorfas nos diferentes níveis de ensino é referida no 30º Artigo da Lei de Bases do Sistema Educativo alinea e) que prevê uma "Formação assente em práticas metodológicas afins das que o educador e o professor vierem a utilizar na prática pedagógica".

Isabel Alarcão, Cândido de Freitas, João Pedro Ponte, Jorge Alarcão e Maria José Tavares (1997) referem que: " A experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas) mas tem de integrar uma componente prática e reflexiva". Apesar disso, os planos de estudo de muitos dos cursos existentes não foram elaborados em função dos perfis profissionais a qualificar, nem sequer no que diz respeito às disciplinas a ensinar (Campos, 1995), integram nos currículos uma componente científica, por vezes inadequada à actividade do futuro docente, e uma componente educacional inadequada, dado que muitas das necessidades de formação só surgirão muitos anos depois de iniciadas as actividades docentes.

Segundo Saul Jesus (1995) as instituições de formação têm utilizado um Modelo Normativo de formação, com o pressuposto de que há um modelo de "bom professor" idealizado e universal e por conseguinte o objectivo principal da instituição de formação será o levar todos os formandos a adquirir as características do bom professor. Assim, o formando é encarado como um "objecto/receptor de formação que adquirirá saberes e técnicas que lhe são fornecidas teoricamente e que ele irá aplicar na prática" (Cortesão, 1991).

Esta tendência de normalização têm vindo a ser posta em causa com o desenvolvimento da própria sociedade ocidental. Hoje procura-se, cada vez com mais insistência, a definição de um quadro de competências e de atitudes que favoreça uma transição segura para a vida activa e assegure uma futura adaptação sem problemas a inovações tecnológicas e organizacionais. Entre essas competências e atitudes, destaque para as capacidades de comunicação, de resolução criativa de problemas e de aprendizagem por si mesmo. Deste modo, a formação terá de ser negociada de modo que o formando possa ser encarado como sujeito da sua própria formação.

Apesar de todos termos por convicção de que ao educador não compete apenas desempenhar o papel de mero transmissor de conhecimentos, de que o

currículo é muito mais do que o somatório dos programas disciplinares e de que o conhecimento profissional ensinado nas instituições de formação de professores devia preparar os futuros professores para os problemas e exigências da realidade da sala de aula, o dia a dia nas escolas é bem diferente, a grande preocupação dos professores passa pelo cumprimento dos programas disciplinares, na generalidade as metodologias utilizadas na sala de aula baseiam--se na resolução de exercícios e em mecanismos de repetição e aplicação directa dos conhecimentos adquiridos e grande parte dos formandos, no ano terminal da formação inicial, pretendem receitas para utilizarem na sua prática profissional futura.

Diferentes investigações, no âmbito das concepções dos professores, relatam que as práticas destes são influenciadas pelas experiências de ensino vividas, geralmente como alunos, assumidas de forma acrítica, influndo de forma inconsciente no professor. Borralho (1997), a propósito das investigações desenvolvidas por Schon, destaca três ideias intuitivas e de experiência que se tem relativamente à formação inicial: "A familiaridade (dos futuros professores com o ensino que tiveram enquanto alunos) e a socialização na escola (dos professores principiantes em relação aos experientes) contribuem para a estabilidade das práticas da aula, para o conservadorismo dos professores, e para o fraco impacto da formação inicial dos professores" e a grande importância das referências enquanto alunos na identidade do conhecimento necessário para ensinar.

Assim sendo e partindo do pressuposto de que é necessário mudar as práticas, há que contrariar esta "realidade" e transformar a formação inicial num período de formação privilegiado para o desenvolvimento pessoal e profissional dos futuros professores. Como formadores de professores temos necessidade de reflectir sobre a formação que proporcionamos aos futuros professores e, conseqüentemente, procurar identificar e compreender factores que melhor possam contribuir para uma preparação mais consentânea com as finalidades propostas na reforma curricular do ensino e com uma maior capacidade do professor autoformar-se.

Atendendo ao que ficou dito, parece-me fundamental que um dos objectivos da formação inicial de professores seja o de proporcionar ao formando um ambiente de aprendizagem em que os futuros professores tenham amplas oportunidades para resolverem uma variedade de problemas, de situações problemáticas, envolvendo uma diversidade de materiais e estratégias e, deste modo, tornarem-se os agentes da sua própria formação inicial,

atendendo às necessidades de desenvolvimento pessoal e profissional do potencial professor.

De certo modo há que proporcionar aos alunos, que chegam ao primeiro ano de um curso de formação de professores com diferentes experiências, conhecimentos e motivações, uma formação adequada à promoção do seu próprio Desenvolvimento Pessoal e Profissional.

A propósito da gravura, em anexo, alguns alunos do 1º ano do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo, Variante Matemática/Ciências, da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, no início do Ano Lectivo 96/97, escreveram:

"o papel do professor é ensinar determinadas matérias (...) explicar da melhor maneira possível"; "quem vai para professor acima de tudo tem de ter uma «queda pessoal»"; "o professor é aquele que tem mais conhecimentos"; "os alunos não percebem patavina do que o professor está a dizer, e percebem tudo ao contrário (é melhor arranjam explicações) ou nem sequer o ouvem (...) (neste caso, mais grave, ou começam a ganhar gosto ou arranjam quem lhes faça os TPC e os testes)"; "Por muito que o professor tente dar a sua aula, não consegue porque cada um dos alunos está a pensar numa coisa diferente(...) como é que vão aprender?".

Apesar da gravura implicar um certo tipo de leitura, e eu ter lido apenas extractos de algumas das leituras, estas, quando realizadas na turma, foram bastante diversificadas o que é reflexo da variedade de experiências, conhecimentos e motivações deste alunos/futuros professores. Para dar resposta a esta multiplicidade de experiências, conhecimentos e motivações a instituição específica de formação de professores deve criar condições favoráveis para que o formando desenvolva uma actividade mental construtiva que lhe permita tornar os seus esquemas de conhecimento cada vez mais correctos e ricos, orientar a formação na direcção marcada pelas grandes finalidades que guiam a educação e encarar a formação inicial como uma forma de desenvolvimento profissional e pessoal do formando.

De certo modo, e sem querer com isto fazer apologia dum cenário de imitação, devemos educar os nossos alunos do mesmo modo que de futuro eles educarão os seus. Resta saber agora como educar para renovar as práticas, como estruturar o currículo para estimular o Desenvolvimento pessoal e Profissional do Professor.

Partindo da premissa de que a formação inicial deve ser isso mesmo, o início, um dos elos da cadeia que é a formação, dado que o processo de aprender a ensinar é um processo permanente e progressivamente construído, a questão principal passa a ser a definição dos princípios orientadores da formação inicial e a sua articulação com a formação contínua.

De acordo com algumas das premissas anteriores, parece lícito sugerir, que a formação inicial seja encarada, numa perspectiva construtivista, como um processo de desenvolvimento individual tendente a adquirir e aperfeiçoar capacidades assente em processos metacognitivos, onde o progresso do conhecimento dos indivíduos se faz por processos do conhecimento dos indivíduos se faz por processos de transformação e reconstrução dos dados em função dos seus próprios sistemas cognitivos.

Nesta perspectiva, que defende o papel activo do sujeito na construção do conhecimento, ao longo de um processo contínuo de desenvolvimento e de mudança, a formação é encarada como uma forma de contribuir para que o formando seja capaz de realizar aprendizagens significativas por si mesmo, para que aprenda a aprender. Deste modo os alunos/futuros professores tornam-se mais conscientes acerca dos seus conhecimentos e utilizam-nos de forma mais sistemática e organizada, revelam-se mais capazes de utilizarem uma diversidade de estratégias de forma mais flexível e eficaz e revelam maior capacidade em corrigir preconceitos e ideias erradas.

Mas será que os alunos no final de uma formação inicial, numa Escola Superior de Educação, com um currículo virado para uma multiplicidade de formações, experiências e práticas ainda têm uma visão tradicional do ensino e do papel do professor?. A propósito da discussão gerada numa aula de seminário sobre "Pensar os Professores e a sua Profissão", alguns alunos do 4º ano do Curso de Formação de Professores do 2º Ciclo, Variante Matemática/Ciências, da Escola Superior de Educação da Universidade do Algarve, no início do segundo semestre do Ano Lectivo 96/97, escreveram:

"O professor é alguém que transmite os conhecimentos aos alunos(...) Passa a vida a ir atrás de mudanças curriculares que por vezes não lhe dizem nada, mas ele tem que adaptar-se"; "O Professor é alguém que desbobina «qualquer coisa» durante aquele tempo de aula"; " O Professor é como um treinador de futebol. É aquele que dita as regras, traça as estratégias por forma a que a equipa saia vencedora"; "O professor é um pai/mãe (...) Trago-te um chocolate se te portares bem"; "O professor é um

retroprojector.(...) Projecta o que sabe e por vezes «tapa» o que não quer que os alunos vejam”.

É evidente que estas passagens foram escolhidas propositadamente de entre os testemunhos que reflectiam uma visão mais tradicionalista do ensino e do papel do professor. Por isso, dado que não é esse o meu objectivo neste momento, estas transições não traduzem a opinião global da referida turma. O que eu quero aqui explorar é que alguns alunos, mesmo no final da sua formação inicial continuam agarrados a uma visão tradicional do ensino, o ensino centrado no professor. Pois, tal como refere Borralho (1997) a vivência destes futuros professores na formação inicial pouco contribui na mudança das suas convicções e concepções, acerca do ensino secundário. Segundo o estudo elaborado por borralho (1997) com os alunos de Matemática (ensino de) da Universidade de Évora o modelo de ensino dos respectivos professores do ensino ao ponto de influenciar de forma determinante as suas práticas de ensino.

Para contrariar esta forma de encarar o ensino parece-me que o mais adequado é que as instituições de formação de professores formem professores autónomos, reflexivos e capazes de aprender a usar os contributos científicos de um modo criativo na construção do desenvolvimento.

Para concretização deste objectivo gostaria, ainda de referir, algumas ideias sobre a metodologia a desenvolver, de modo, vertical, em todos os graus de ensino para que, deste modo, a formação inicial de professor seja um processo contínuo e desenvolvido logo a partir das experiências do formando enquanto aluno.

Assumindo como pressupostos construtivistas que: a) o processo de construção do conhecimento é considerado um processo interactivo entre o sujeito e a realidade, "o indivíduo constrói o conhecimento da realidade de acordo com os seus modelos internos e, por outro lado, constrói esquemas mentais que se adequam à realidade, realizando uma diferenciação e reorganização progressiva de tais esquemas (Cabral 1993) e B9 cada pessoa é um ser autónomo, singular, com facilidades e estratégias de aprendizagem próprias, não se pode ensinar se não apoiando-se o sujeito, as suas experiências e saberes anteriores, e as estratégias que lhe são familiares.

Partindo destes pressupostos a finalidade da formação será o de contribuir para que o formando seja capaz de realizar aprendizagens significativas por si mesmo, para que aprenda a aprender. Ana Almeida (1996) propõe como

exigências metodológicas para a construção do conhecimento por parte dos alunos: a) o desenvolvimento da comunicação na sala de aula; b) a proposta de actividades que possam ser assumidas como projectos pessoais pelos formandos; c) a promoção de um equilíbrio mobilizador dos campos cognitivo, afectivo e moral; d) a promoção de uma avaliação formativa; e) o desenvolvimento de uma mudança de concepção de currículo (este deve ser encarado como um conjunto de situações de aprendizagem adequadas à natureza dos saberes).

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

ALMEIDA, A.M.F.G., (1996): *Da psicologia à pedagogia do Conhecimento*. In *Formar, revista de Formadores* n.º 18. Lisboa, Instituto do Emprego e Formação Profissional

BORRALHO, A., (1997): *O ensino da resolução de problemas de Matemática por parte de futuros professores: Relações com a formação inicial*. In *Resolução de Problemas na Formação de Professores de Matemática: Múltiplos contextos e perspectivas*. Aveiro, Grupo de Investigação em Resolução de Problemas.

CABRAL, M., (1993). *Alguns pressupostos para um modelo construtivista de Formação de professores*. In *A Componente de Psicologia na Formação de Professores e outros Agentes Educativos - Actas 3º e 4ª Seminários*. Évora, Universidade de Évora.

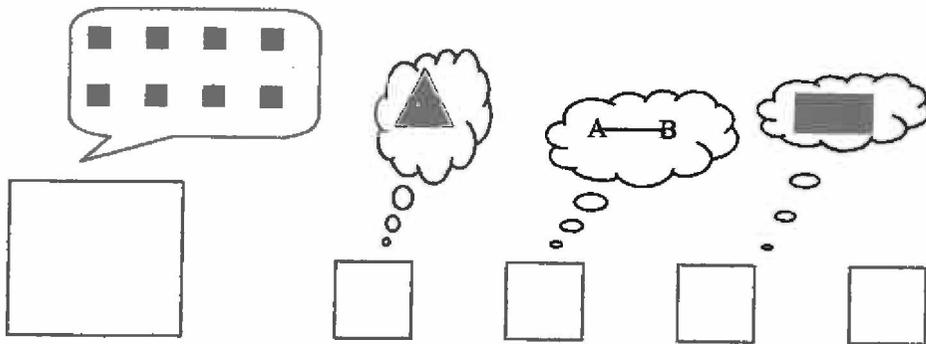
CAMPOS, B. P., (1995): *Formação de professores em Portugal*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional.

CORTESÃO, L., (1991): *Supervisão numa perspectiva crítica*. In *Ciências da Educação em Portugal: Situação Actual e Perspectivas*. Porto, Edições Afrontamento, Lda.

ALARCÃO, Isabel e al., (1997) : *A formação de Professores no Portugal de Hoje*. Braga, Documento de Trabalho do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas.

JESUS, S. N., (1995): *A formação inicial de professores segundo um modelo relacional*. In *Psychologica* nº 14. Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra.

ANEXO



como colaborar com **LER EDUCAÇÃO**

LER EDUCAÇÃO está aberta a todos os que nela queiram participar, bastando para o efeito enviarem-nos artigos, críticas ou opiniões relacionadas com educação ou sobre temas que de alguma forma ajudem a divulgar a cultura do Baixo Alentejo.

Os originais deverão ser dactilografados em folhas A4, a dois espaços, e sempre que contenham gravuras, esquemas ou outros elementos gráficos, estes deverão ser de boa qualidade, e acompanhados das respectivas legendas e indicações referentes à sua inserção no texto.

A direcção desta revista reserva-se o direito de selecção dos artigos a publicar.

Toda a correspondência deverá ser enviada à direcção da revista **LER EDUCAÇÃO**.